

UM ESTRANHO FAMILIAR

Uma vida entre duas ilhas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

REITOR Alessandro Fernandes Moreira

VICE-REITORA Alamanda Kfoury Pereira

EDITORIA UFMG

DIRETORA Carla Viana Coscarelli

VICE-DIRETORA Camila Augusta Pires de Figueiredo

CONSELHO EDITORIAL

Carla Viana Coscarelli (PRESIDENTE)

Ana Paula Paes de Paula

Anne Caroline Lana da Silva

Camila Augusta Pires de Figueiredo

Cristina Mariano Ruas

Eduardo Ferreira da Silva

Emília Mendes Lopes

George Rembrandt Gutlich

Henrique Cesar Pereira Figueiredo

Kátia Cecília de Souza Figueiredo

Kleyde Ventura de Souza

Livia Maria Fraga Vieira

Lorena Tavares de Paula

Luciana Monteiro de Castro Silva Dutra

Mauro Lúcio Leirão Condé

Raquel Conceição Ferreira

Rita de Cássia Lucena Velloso

Rita Lages Rodrigues

Varley Teoldo da Costa

Weber Soares

Stuart Hall
com Bill Schwarz

UM ESTRANHO FAMILIAR

Uma vida entre duas ilhas

Adelaine Laguardia Nogueira
TRADUÇÃO

Liv Sovik
REVISÃO TÉCNICA

(EDITORAufmg)

© Espólio de Stuart Hall, 2017

Publicado originalmente em inglês como *Familiar Stranger* em 2017 pela Allen Lane, um selo da Penguin Press. A Penguin Press integra o grupo de empresas Penguin Random House.

© 2026, Editora UFMG

Este livro, ou parte dele, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita dos editores.

H179u
2026

Hall, Stuart

Um estranho familiar: uma vida entre duas ilhas / Stuart Hall, Bill Schwarz; Tradução Adelaine Laguardia Nogueira; Revisão técnica Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2026.

300 p. (Coleção Humanitas)

Inclui fotografias.

Inclui bibliografia.

Tradução de: *Familiar Stranger: A Life Between Two Islands*

ISBN: 978-65-5858-192-5 (Brochura)

1. Autobiografia. 2. Estudos culturais. 3. Identidade diaspórica.
4. Racismo. 5. Colonialismo. 6. Deslocamento cultural. I. Schwarz, Bill. III. Título. IV. Coleção Humanitas.

CDD325

CDU325.54

Elaborada por Maria Clarice Lima Batista – Bibliotecária CRB-MG 1326/0

COORDENAÇÃO EDITORIAL Michel Gannam

DIREITOS AUTORAIS Anne Caroline Silva

ASSISTÊNCIA EDITORIAL Eliane Sousa

COORDENAÇÃO DE TEXTOS Clarissa da Cunha Vieira

PREPARAÇÃO DE TEXTOS Roberta Paiva

COORDENAÇÃO GRÁFICA Fernando Freitas

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO Fernando Freitas e Rafael Chemicatti

PROJETO GRÁFICO DE CAPA Cássio Ribeiro, a partir de Glória Campos – *Mangá*

DIAGRAMAÇÃO E MONTAGEM DA CAPA Rafael Chemicatti

IMAGEM DA CAPA Arquivo da família de Stuart Hall (Gentilmente cedida por Catherine Hall)

PRODUÇÃO GRÁFICA Warren Marilac

IMPRESSÃO E ACABAMENTO Imprensa Universitária UFMG

EDITORA UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 | CAD II | Bloco III

Campus Pampulha | 31270-901 | Belo Horizonte-MG | Brasil

Tel. +55 31 3409-4650

www.editoraufmg.com.br | editora@ufmg.br

Para Catherine

O que devemos chamar nosso “eu”? Onde começa? Onde termina?

Madame Merle, em Henry James,
Retrato de uma senhora, 1881.

... uma pessoa simplesmente não pode nem nunca
será capaz de recuperar inteiramente os próprios processos
de pensamento ou criatividade de forma autorreflexiva ...

Não sou capaz de me tornar idêntico a mim mesmo.

Stuart Hall, “Through the prism of an intellectual life”, em
Culture, Politics, Race and Diaspora, de Brian Meeks (ed.), 2007.

SUMÁRIO]

Apresentação à edição brasileira 11
Liv Sovik

Prefácio 17
Bill Schwarz

PARTE I: JAMAICA

1. Paisagens coloniais, sujeitos coloniais 23
2. As duas Jamaicas 45
3. Pensar o Caribe, crioular o pensamento 79
4. Raça e sua denegação 111

PARTE II: DEIXANDO A JAMAICA

5. Recrutas da modernidade 125

PARTE III: JORNADA PARA UMA ILUSÃO

6. Encontro com Oxford: a formação de um eu diaspórico 163
7. Migração caribenha: a geração Windrush 187

PARTE IV: ZONA DE TRANSIÇÃO

8. Inglaterra em casa 215
9. Política 237

Notas da tradutora 279
Obras citadas 287

APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Depois da morte de Stuart Hall em 2014, começou um intenso fluxo de edições de seus escritos, lançados por editoras de língua inglesa: Duke University Press, Harvard University Press, Lawrence & Wishart, Routledge e Penguin. Onze volumes foram lançados entre 2016 e 2024 pela Duke, sobre temas como estudos culturais, raça e diferença, política, marxismo, artes visuais, e meios de comunicação, em sua maioria coletâneas reunindo artigos espalhados em diversos periódicos e livros. *Familiar Stranger: A Life Between Two Islands*, reeditado pela Penguin, foi o segundo livro dessa série e o primeiro que Hall projetou como livro. Raro entre intelectuais da eminência de Hall é sua política de não publicar livros autorais. Em uma entrevista publicada no *Jornal do Brasil* em 2004, Heloisa Buarque de Hollanda e eu perguntamos por que não. Ele respondeu:

Eu não escrevo livros. Eu escrevo ensaios. Nunca escrevo com a intenção de publicar. Publico em resposta a alguém dizendo: “Por que você não escreve sobre isso?” Ou “Você acabou de escrever algo sobre isso, e acho que poderíamos publicar aqui”. Isso acontece porque meus escritos são intervenções. Sempre estão relacionados a uma situação concreta. Estão todos tentando direcionar uma situação específica para um determinado rumo. (...) São intervenções em debates, em conjunturas políticas, em movimentos sociais, em desenvolvimentos artísticos, em questões culturais; são concebidos dessa forma (Hall *apud* Hollanda e Sovik, 2004).

Mesmo sendo uma obra autoral, *Um estranho familiar: uma vida entre duas ilhas* foge do padrão. Ao ser escrito a partir de um diálogo de Hall com o amigo e ex-aluno Bill Schwarz, cria uma ambiguidade em torno da autoria que Hall apreciava quando se tratava de Bakhtin/Volochínov, autor(es) de *Marxismo e filosofia da linguagem*. Essa obra (quase) autoral de Hall pressupõe conexões íntimas entre sua vida e suas ideias. Pretende apresentar a época em que viveu e as

buscas subjetivas e objetivas (que ele entende como inseparáveis) que contribuíram para suas elaborações, ideias e propostas.

Hall nos disse sobre a prática de escrever intervenções. Nesse sentido, o livro obedece à regra, pois pode ser lido como uma intervenção sobre duas temáticas centrais em debates acadêmicos das últimas décadas, inclusive brasileiros. A primeira é a questão da colonialidade do poder, ao mostrar, em um texto que mistura autobiografia e ensaio teórico e historicamente informado, aquilo que antecede o pós-colonial e aquilo que o decolonial busca reparar. Em várias ocasiões, Hall enfatizou que ele não era da geração de 1960, como muitos supunham, mas chegou à idade adulta na década anterior à Independência da Jamaica e teve uma formação colonial. Além disso, para ele, “colonial” não é apenas um adjetivo que descreve um regime de poder, mas um substantivo que nomeia pessoas, individual e coletivamente.

Quando Hall era um jovem colonial na Jamaica e na Grã-Bretanha, uma grande questão política era a Independência das colônias, e a posição crítica era anticolonial, não pós-colonial ou decolonial. Nesse sentido, a descrição que Hall faz da Jamaica de sua juventude é uma intervenção que procura “direcionar uma situação específica para um determinado rumo”, ao relatar as pressões que a condição colonial da Jamaica exerceu sobre ele como sujeito colonial e explicar por que achava essas pressões insuportáveis – social, cultural, psicológica e politicamente. Em uma longa declaração ao final de um seminário em sua homenagem realizado na University of the West Indies, Kingston, em 2004, Hall descreveu seu dilema como ao mesmo tempo generalizado e pessoal; tratava-se de “experimentar a si mesmo como ‘colonizado’ – isto é, fundamentalmente deslocado do centro do mundo, que sempre me foi representado como estando ‘em outro lugar’, e, ao mesmo tempo, descolado das pessoas e das condições ao meu redor” (Hall, 2007, p. 272).

Hall converge com Frantz Fanon não apenas por suas origens em territórios colonizados do Caribe, mas também por causa da percepção de Fanon, nas palavras de Hall, “de que um relato do racismo que não alcance a paisagem interior e os mecanismos inconscientes de seus efeitos é, no máximo, apenas metade da história” (Hall, 2024, p. 115). Mobilizando tanto suas relações familiares quanto conceitos como “morte social”, de Orlando Patterson, Hall não explica, mas apresenta os impasses do sujeito colonial que era e foi educado para ser. Ele reconstitui essa paisagem interior por meio de descrições de cenários

externos: a beleza natural da Jamaica, da qual sempre sentiu saudades e para onde nunca conseguiu realmente retornar; as cenas urbanas que exibiam a vitalidade de seu povo, a despeito da hierarquia racial finamente ajustada, implacável e que o separava desse povo apesar de sua família nuclear o discriminar por ser o mais escuro; as ambições de sua família conservadora de classe média, moldada pela sociedade de *plantation* e pela colonização.

Há em *Um estranho familiar* um método de exposição que se apoia no conceito de política da localização. No seminário realizado em Kingston, já mencionado, Hall afirmou que “todo pensamento é moldado pelo lugar de onde provém (...) nunca se pode escapar ao modo como a própria formação imprime uma espécie de estampa ou *template* sobre aquilo que nos interessa, sobre o tipo de abordagem que se tem de qualquer tema, sobre as conexões que se deseja estabelecer e assim por diante” (Hall, 2007, p. 271).

O livro apresenta e discute a estampa e o *template* da Jamaica colonial das décadas de 1930 e 1940 e os caminhos de seu pensamento, como intelectual caribenho, na Grã-Bretanha do pós-guerra, depois de sua chegada em 1951 até 1964, quando o relato se encerra. Na Jamaica, as revoltas trabalhistas de 1938 foram, segundo Hall, o acontecimento-chave e gerador que marcou o início da política jamaicana moderna e criou a expectativa de Independência. Na Grã-Bretanha do pós-guerra, foi a Crise de Suez e a invasão soviética da Hungria, em 1956, que redirecionaram os setores nos quais Hall estava envolvido para uma nova política de esquerda, a *New Left*, tanto nacionalmente quanto no plano internacional. Ambos os lugares possuem uma política da localização relacionada à colonialidade, e, ao longo do livro, Hall se esforça para explicar como ela se fez sentir e como, mesmo muito distantes, esses lugares se entrelaçavam.

Na prática, a vida de Hall após o período coberto neste livro acabou sendo menos semelhante à de Fanon do que à de outro intelectual diaspórico, seu amigo Edward Said, que passou toda a sua vida profissional em uma universidade distante de onde “deveria estar”. De fato, *Um estranho familiar: uma vida entre duas ilhas* pode ser lido não apenas como uma intervenção no debate sobre a natureza da colonialidade, mas, em segundo lugar, na discussão dos sentidos do conceito de diáspora. Hall dizia que, embora tivesse sido chamado por diversos nomes relacionados à sua cor, o descritor mais relevante era “diaspórico” e, além disso, que havia achado “diáspora” um conceito útil para seu processo de pensamento. Em Hall, a diáspora é um conceito

de duas faces, que ao mesmo tempo o nomeava e funcionava como lente e prisma através do qual ele procurava entender o mundo – algo relacionado com o entre-lugar de Silviano Santiago e de Homi Bhabha, mas que Hall pinta menos como posição ou espaço discursivo e mais como movimento. A diáspora da qual Hall fazia parte, que o nomeou “diaspórico”, surgiu, historicamente, de “uma dupla subordinação”: primeiro, “à escravidão e à plantation, e depois à subordinação relacionada ao colonialismo e ao racismo vivenciados na metrópole” (Hall, 2004). A diáspora que traz uma vantagem epistemológica lhe permitiu olhar para o mundo estando menos preocupado com as raízes ou a estabilidade, do que com as trajetórias, as rotas, o que implica reconhecer a contingência e as restrições das condições em que se vive. O conceito de diáspora expressa o antifundacionalismo de Hall e confere a essa posição e princípio uma história, uma *raison d'être*, uma positividade.

No Brasil, Hall é conhecido pelas suas teorizações sobre identidades culturais. Um elemento-chave dessas teorizações, que nem sempre é levado em conta, é sua insistência em que uma identidade “sutura” o que sentimos que somos, de um lado, a como somos chamados pela sociedade ao redor, de outro. Assumir uma identidade pode ser um processo incômodo, porque a pessoa tem que conjugar elementos díspares, identificações “de dentro e de fora”, ambas necessárias à vida. Este livro trata de como Hall conseguiu conciliar para si a disparidade entre o destino que sua família desejava para ele e o próprio senso de si e de sua relação com o mundo, um desconforto que lhe impeliu para fora da Jamaica, para assentar-se, por fim, como intelectual público na Grã-Bretanha. Ele explica as dores e as delícias desse processo e a companhia que teve nas primeiras décadas da jornada. Mostra-nos a maneira como a autoconstrução de um intelectual diaspórico coincidiu com a trajetória de seu pensamento e compromissos políticos, pois foi pela política que Hall encontrou um modo de se inserir em uma sociedade em princípio hostil ou condescendente, duas faces da lógica de exclusão. Peço desculpas pelo *spoiler*: o livro tem um *happy end*, mas sabemos que é também um início e que Hall viveu por décadas depois de 1964. Talvez o livro faça um convite, como ele fez várias vezes quando explicou sua visão dos estudos culturais, para entender o compromisso político não apenas como um epifenômeno, mas também uma rota, um movimento, uma maneira de ser, em sociedade.

A escolha de traduzir *Um estranho familiar: uma vida entre duas ilhas* para o português, antes de qualquer outro livro do autor, foi

feita em consulta a Catherine Hall e Bill Schwarz, a quem agradeço pela confiança e a intermediação com a editora Penguin. Entendemos que o livro esclarece o conjunto do pensamento de Stuart Hall, além de suas teorizações sobre identidades culturais, que foram uma grande contribuição ao debate no Brasil. Pouco sabíamos que, devido à grande variedade de terminologias usadas – nomes de plantas e árvores, comidas, lugares, entidades políticas, igrejas e movimentos religiosos, termos usados por historiadores da escravidão, além da propensão de Hall a usar expressões idiomáticas já pouco usuais, citar poesia com ou sem aspas e pensar coisas inesperadas sobre as relações raciais –, seria uma obra muito difícil de traduzir e de revisar adequadamente. É graças a Adelaine Laguardia Nogueira (que também foi a tradutora principal da coletânea de Stuart Hall, *Da diáspora*, publicada pela Editora UFMG em 2003), à diretora Carla Coscarelli e à equipe da Editora UFMG que agora o livro está finalmente entregue a quem deseja ter o prazer de lê-lo em português.

Liv Sovik

Rio de Janeiro, março de 2026.

REFERÊNCIAS

- Stuart Hall, Epilogue: Through the Prism of an Intellectual Life, em *Culture, Politics, Race and Diaspora: The Thought of Stuart Hall*, Kingston, Ian Randle Publishers, London, Lawrence & Wishart, 2007, p. 269-292.
- Stuart Hall, The After-Life of Frantz Fanon: Why Fanon? Why Now? Why *Black Skin, White Masks?*, em S. Hall, *Selected Writings on Visual Arts and Culture: Detour to the Imaginary*, org. Gilane Tawadros, Durham (NC), Duke University Press, 2024, p. 111-131.
- Heloisa Buarque de Hollanda, Liv Sovik, Entrevista com Stuart Hall, *Jornal do Brasil*, 04 jan. 2004.

PREFÁCIO

Este livro é de Stuart Hall e compreende sua história. Aqueles familiarizados com seus escritos saberão, entretanto, que ao longo de sua vida ele estava comprometido a trabalhar e escrever em colaboração, frequentemente com pessoas muito mais jovens do que ele. Não existe qualquer livro de sua única autoria. E este livro, também, carrega traços de outras mãos.

Não houve um único momento em que Hall tenha decidido embarcar na escrita de suas memórias ou em qualquer projeto desse tipo, pelo menos não na dimensão que este resultou. Há uns vinte anos, ele e eu fomos contratados para apresentar um pequeno manuscrito sob a forma de um diálogo que buscasse iluminar os contornos principais de sua vida intelectual. Ele se convenceu pela brevidade e o potencial dialógico daquela empreitada. Nós assinamos o contrato e, após algum atraso previsível, gravamos uma série de entrevistas. Passei o verão transcrevendo-as e, feito isso, atingimos mais ou menos o limite de palavras. A transcrição que entreguei a ele continha longas anotações, perguntas e sugestões, além de um punhado de outras questões que precisavam ser abordadas. Pensávamos estar perto de terminar.

Acontece que não estávamos de jeito nenhum. Hall começou a revisar e ampliar o texto, uma prática à qual ele nunca conseguia resistir, ao passo que novas ideias continuavam a se formar em sua mente e, no horizonte, ele enxergou controvérsias intelectuais e políticas emergentes que o convocavam. Outras coisas – grandes e urgentes preocupações – intervieram. Conversávamos regularmente e, quando o tempo permitia, ele fazia investidas sobre o manuscrito. Mas o tempo passava e o avanço era lento.

Em seus últimos anos de vida a doença o abateu. Grandes projetos não podiam mais ser empreendidos. Sua mobilidade diminuía e cada vez mais ele se via confinado à casa. Sentia falta de estar ativo no mundo. Entretanto, enquanto seu corpo falhava, sua inquietação intelectual permanecia. Em muitos assuntos do dia ele se sentia compelido a intervir. Quando a saúde permitia, voltava ao manuscrito e trabalhava

nele como um demônio. O texto assumia uma relevância renovada, representando uma espécie de balão de oxigênio. *Otimismo da vontade*.

Durante esse período, conversávamos continuamente sobre o projeto. Ele fazia perguntas a mim como a tantos outros, sobre o que quer que pensasse, dependendo de onde ele havia chegado no manuscrito. Fazia anotações e voltava ao computador, mantendo a estrutura dialógica enquanto trabalhava. Sua lucidez intelectual permaneceu firme até o final. Quando ele faleceu em fevereiro de 2014, o manuscrito já havia alcançado mais de 300.000 palavras.

Enquanto sua lucidez não havia diminuído, sua capacidade de organizar um manuscrito imenso e complexo, que passasse por toda a extensão da evolução de uma vida intelectual, era intermitente. Em sua mente, ele tinha uma ideia clara das coordenadas do resultado final, que ele sempre imaginou compor um único volume. Estas incluíram a parte aqui publicada, outros capítulos sobre cultura – revisando uma série de debates teóricos associados –, uma longa seção sobre as propriedades do “político” e sobre o começo do neoliberalismo e, finalmente, capítulos dedicados à subjetividade, estética e política negras. Alguns destes foram inteira ou parcialmente rascunhados; outros, redigidos em forma de notas; e outros existiram apenas como uma visão mental.

Devido à dificuldade crescente de enxergar, muito foi composto somente de memória. Raramente conseguia consultar as fontes necessárias. Os leitores descobrirão, por exemplo, que há histórias relatadas aqui que aparecem em outros lugares. Em alguns casos, as versões não coincidem. Decidi que, em tais ocasiões, eu não deveria interferir. Essa pode ser uma tarefa, se for considerada necessária, para os estudiosos do futuro. Como Hall diz a certo ponto, no final ele estava “fadado a misturar história com memória e desejo, uma combinação que os futuros historiadores tratarão com a devida suspeição”.

Foi minha tarefa extrair do manuscrito geral aquilo que aparece aqui, sobre o início da vida dele e uma sequência que explora as relações entre cultura e política. As leitoras e leitores vão entender que, nessas circunstâncias, o livro não pode representar uma versão pura e inocente das palavras de Hall. A prosa aqui apresentada é baseada na transcrição de entrevistas originais, nas subsequentes revisões por escrito que ele efetuou sobre o texto, com numerosos acréscimos, em vários estágios de conclusão, em dezenas de discussões e conversas que abrangem quase duas décadas. Algumas partes foram literais, enquanto muitas outras foram construídas de fragmentos. A organização do manuscrito envolveu muito trabalho.

No início, preservamos a estrutura dialógica original, como Hall queria que fizéssemos, dividindo o texto entre duas vozes identificáveis: o interrogador, “Bill”, e o interrogado, “Stuart”. Mesmo assim, o jogo real entre as duas vozes era inevitavelmente um tanto menos transparente do que isso sugeria. O livro havia evoluído como um manuscrito compartilhado, que mudara de mãos entre Stuart e eu ao longo de muitos anos para revisão e correção. Com o passar do tempo, a proveniência autoral de muitas passagens sumiu de vista. Foi como uma conversa que o livro havia sido concebido e como ele havia progredido desde suas encarnações iniciais. Num estágio tardio, entretanto, em discussão com os nossos editores, tomou-se a decisão de reconfigurar o manuscrito como uma narrativa em primeira pessoa. Inicialmente tivemos dúvidas. Mas rapidamente fomos persuadidos pela virtude dessa solução, pois assim, a voz de Hall ficaria mais clara. E enquanto o diálogo formal desapareceu, a inspiração dialógica explica a organização interna da narrativa existente. Esforçamo-nos, também, para manter o tom conversacional.

Paul Thompson gentilmente nos permitiu tomar emprestado um importante segmento de sua própria entrevista com Hall que cobriu uma lacuna significativa. Ela encorpou parte do projeto patrocinado pela British Library e denominado Pioneiros da Pesquisa Social, e agradecemos à Biblioteca pela permissão de usufruir dele aqui. Stuart tinha consciência de que estava em débito com seus muitos amigos. Era particularmente grato a Sally Alexander e Jacqueline Rose que, quando as coisas ficaram difíceis, liam para ele materiais que não estariam ao seu alcance de outra maneira, bem como a Beatrix Campbell pelo chá e as conversas. Nick Beech mostrou ser um suporte considerável na fase final e contribuiu para a conclusão deste volume ao viabilizar uma coleção de artigos, documentos e referências sempre que eu precisava, mesmo quando ele tinha um milhão de outras coisas urgentes para fazer. Michael Rustin, um dos familiares de Stuart, camarada de velhos tempos, forneceu outras informações cruciais sobre as vicissitudes da Nova Esquerda [New Left].

* * *

Desde o início, Hall considerou a Duke University Press, nos Estados Unidos, como lugar ideal para o seu trabalho. Duke tem sido séria ao trazer a lume obras de Marcus Garvey e C. L. R. James, e ele ficou encantado com a possibilidade de seu trabalho ser publicado lado a lado aos deles. Ken Wissoker, da editora, comprometeu-se a publicar

uma lista tão completa quanto achássemos desejável dos escritos de Hall. Essa foi uma oferta extraordinariamente vital e generosa de uma editora nestes dias quando o comércio de livros se tornou ultracompetitivo. Uma série de volumes está em andamento, na maior parte organizados tematicamente. Não podíamos ter pedido mais de Ken e sua equipe. Eles nos deram tudo que poderíamos desejar. Nossos profundos agradecimentos a ele e a Elizabeth Ault.

Seguindo o conselho de Neil Belton, na Grã-Bretanha, abordamos Tom Penn na Penguin, cujo entusiasmo e comprometimento com o projeto foram imediatos. O investimento de Tom no livro foi infalível e sua simpatia pela obra de Hall é profunda. Somos muito agradecidos a ele e a Chloe Currens. Graças à intervenção de ambos, estamos certos de que este livro se tornou melhor. Devemos muito, também, a Linden Lawson, cujo trabalho como revisora foi ímpar.

Na montagem e conclusão deste manuscrito agradeço à Rockefeller Foundation por me conceder uma bolsa no National Humanities Center na Carolina do Norte. Não apenas isso me deu tempo e espaço para completar os manuscritos. O Centro é também, nestes tempos difíceis, testemunho magnífico das virtudes da soberania da imaginação. Hei sempre de me lembrar de cada um de seus membros com a mais profunda afeição.

Enormes agradecimentos a Caroline Knowles, que conviveu de perto e calmamente com este projeto enquanto ele se concluía e eu, proporcionalmente, ficava mais frenético. Sempre estimei seu apoio.

Nada disso teria acontecido sem a generosidade, consideração e constante boa vontade da família de Stuart. Levar a cabo a publicação deste que é o mais pessoal dos seus escritos nem sempre foi fácil. Seus filhos, Becky e Jess, agiram com entusiasmo e cuidado. Sua esposa, Catherine, manteve os olhos atentos ao meu bem-estar, mesmo quando tinha muitas coisas mais para preocupá-la. Ela se envolveu em todos os estágios de preparação do manuscrito. Devo a ela mais do que posso dizer.

Para mim, a dificuldade maior é que o próprio Stuart não pôde julgar a versão final. Imagino suas muitas reservas. Ele nunca conseguia voltar a seus escritos sem ser tentado a desmontá-los e continuar o argumento ou dar a ele novas direções. Este certamente não teria sido uma exceção. Dói muito em mim que ele não tenha tido a chance de ler o que finalmente foi publicado em seu nome.

Bill Schwarz